



INVESTIGANDO A OCUPAÇÃO DAS “TRIBOS” NOS ESPAÇOS DE LAZER DA ORLA DE ATALAIA EM ARACAJU/SE

Paula Aragão
Luciana Caroline P. Garcia

RESUMO

Esta pesquisa integra o Projeto Orla, que estuda os espaços e equipamentos públicos do complexo de lazer Orla de Atalaia, Aracaju/SE. Local que reúne um grande e diversificado número de espaços destinados às práticas corporais de esporte e lazer, fato que atrai pessoas, tanto do município como turistas (principalmente) de diferentes gostos e estilos. Considerando a localização e estrutura, buscou-se identificar os interesses dos grupos – aqui nomeados de “tribos” – em relação aos espaços e uso dos seus equipamentos. Para tanto, cinco tribos contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, os “habilidosos” skatistas, os ciclistas “sonhadores”, os jogadores de futsal de “final de semana”, os “empresários pilotos” de kart e os “quase desconhecidos” jogadores de hóquei. Em aspectos metodológicos o estudo apresenta abordagem qualitativa de natureza descritiva, sendo a entrevista semi-estruturada e o diário de campo os principais instrumentos de coleta de dados. Os resultados demonstram que a acessibilidade e a qualidade das estruturas são fatores primordiais no interesse das tribos e que a garantia destes dois fatores envolvem interesses financeiros, além disso, destacam que as relações de sociabilidade e a identificação com o local e com as práticas corporais fazem parte das escolhas das tribos.

Palavras-chave: Tribos; Espaços Públicos; Lazer

INVESTIGATING THE OCCUPATION OF THE SO CALLED “TRIBES” IN LEISURE SPACES OF THE SEASHORE OF ARACAJU – SERGIPE

ABSTRACT

This research is part of the Orla Project, which studies public spaces and public equipment of the Atalaia’s seashore leisure complex, which lies in Aracaju - SE. This place is constituted of a great and diverse number of spaces intended for practicing sports and leisure, which attracts both people from the city and tourists (mainly) with different likes and dislikes. Considering its location and structure, identifying the interests of these groups – here called “tribes” – in relation to the spaces and the use of its equipment was sought. To do so, five tribes have contributed with the research development: the “skilled” skaters, the “dreamer” bikers, the “weekend” soccer players, the go-kart “business drivers”, and the “almost unknown” hockey players. As to the methodological aspects, the research presents a descriptive qualitative approach, and the semi-structures interviews together with the field diary were the main instruments to collect data. The results demonstrate that the accessibility and the quality of the



structures are main factors influencing the tribes' interests, and that the guarantee of these two factors involves financial interests. The results stress that the sociability relations and the identification with the place and the body practices are parts of the tribes' choices.

Keywords: Tribes; Public Places; Leisure

INVESTIGANDO LA OCUPACIÓN DE LAS “TRIBUS” EN LOS ESPACIOS DE OCIO DE LA ORLA DE ATALAIA EN ARACAJÚ/SE

RESUMEN

Investigación de lo Proyecto Orla, que estudia espacios y equipamientos públicos del complejo Orla Atalaia, Aracajú/SE. Local que reúne gran y diversificado número de espacios destinados a las prácticas corporales deportivas y de ocio, hecho que atare a personas, tanto del municipio como turistas (principalmente) de diferentes gustos y estilos. Considerando la localización y estructura, se busco identificar los intereses de los grupos – aquí nominados de “tribus” – en relación a los espacios y uso de sus equipamientos. Para esto, cinco tribus contribuyeron para el desarrollo de la investigación, los “habildosos” skaters, los ciclistas “soñadores”, los jugadores de futsal de “fin de semana”, los “empresarios pilotos de kart y los “casi desconocidos” jugadores de hockey. En aspectos metodológicos el estudio presenta un abordaje cualitativo de naturaleza descriptiva, siendo la entrevista semi-estructurada y el diario de campo los principales instrumentos de coleta de datos. Los resultados demuestran que la accesibilidad y cualidad de las estructuras son factores primordiales en el interés de las tribus y que la garantía de estos dos factores involucra intereses financieros, además de esto, destacan que las relaciones de sociabilidad e identificación con el lugar y con las prácticas corporales hacen parte de las elecciones de las tribus.

Palabras-clave: Tribus; Espacios Públicos; Ocio.

INVESTIGANDO A OCUPAÇÃO DAS “TRIBOS”: CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta investigação realizada no complexo de lazer “Orla de Atalaia” em Aracaju- SE integra uma pesquisa construída pelo grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Sergipe¹, denominada de Projeto Orla². A discussão do segundo eixo da pesquisa promove uma

¹ O Grupo de Estudo congrega os pilares da Universidade no tocante ao ensino, pesquisa e extensão. Desenvolve estudos no campo da Educação Física, Esporte e Mídia e principalmente, a relação mídia-educação, tem sido foco de nossos debates e possibilidades.

² O Projeto foi elaborado coma finalidade de estudar o Complexo de Público de Lazer Orla de Atalaia em Aracaju/SE, pensando em três eixos centrais: 1. Os Espaços Públicos de Lazer; 2. As “tribos” que frequentam a Orla 3. A gestão de políticas públicas de/para a Orla de Atalaia.



aproximação da forma de ocupação dos espaços existentes e das pessoas que compartilham dos equipamentos de lazer.

A Orla de Atalaia³ reúne em toda sua extensão um número diversificado de espaços destinados às práticas corporais de lazer (caminhada, corrida, patinação) e voltados a algumas práticas esportivas (basquetebol, voleibol, futebol, tênis e *skate*). Essa diversificação proporciona o encontro entre as pessoas que frequentam o complexo, transformando a Orla em um ponto de encontro da diversidade de grupos sociais denominados de tribos. Tribo, palavra aplicada a um grupo social com relativa ocupação espacial, que pode apresentar culturas próprias, isento de organização política ou qualquer forma da autoridade (FERREIRA, 2001). Utilizaremos aqui o sentido que Pais (2004) formulou, um modo de convivência geradora do sentimento de pertença, conseqüentemente de identidade.

Cada espaço de lazer ocupado na orla (quadras, pistas, parques, praças) apresenta características que expõem culturas diversas, formas de organização que geram nas pessoas uma identidade com o grupo e com o local que frequentam, o sentimento de pertença, vestimentas, acessórios e linguagem, além dos estilos, uso de gírias, expressões e comportamentos. Essa ligação ao local perpassa pelo atrativo que o próprio complexo de lazer apresenta e que move o interesse dos frequentadores em relação aos seus espaços.

Diante do fluxo constante de grupos que utilizam os equipamentos na orla, buscamos identificar as tribos dentro do seu convívio, enfocando seus interesses em relação aos equipamentos que compõem o complexo público de lazer Orla de Atalaia na cidade de Aracaju-SE. Neste sentido, são fatores relevantes: caracterização dos sujeitos e dos grupos aos quais pertencem (indumentária, linguagem, prática corporal escolhida); e identificação de aspectos como acessibilidade, localização e estrutura oferecidos pelos espaços frequentados.

Mediante uma observação preliminar⁴ pode-se perceber que cada espaço possui suas próprias características, a exemplo dos escritos (frases, nomes, desenhos) encontrados nas pistas de skate, os quais esboçam uma linguagem e uma expressão peculiar. Diante dessa constatação procuramos entender o sentido dessa linguagem transmitida pelos atores/autores de cada “tribo” e como essas particularidades se relacionam com a organização e convivência dos grupos.

Um acontecimento característico dos grandes centros urbanos é o aglomerado de pessoas que buscam em um local específico, objetivos em comum. Nas tribos, as pessoas encontram modos de explorar juntas, principalmente espaços de entretenimento e de lazer, com destaque os jovens.

As pessoas encontram-se normalmente em busca de preencher os horários de não trabalho, destinando-os a algum tipo de diversão ou distração, o que hoje denominamos de lazer. Esse tempo à parte, do pouco que resta dentre o tempo destinado aos muitos afazeres de dias de intenso trabalho na sociedade do “ontem”, da pressa, do tempo medido milimetricamente para dominar o próprio deus da cronologia. Tempo valorizado, organizado e direcionado a atividades que nem sempre correspondem ao verdadeiro objetivo imaginado pelas próprias pessoas.

Sendo recente, o termo lazer é característico da sociedade pós-revolução industrial. Dumazerdier (1974), pesquisador deste termo, explica que na sociedade grega os homens consideravam

³ O espaço público Orla de Atalaia foi construído em duas etapas: 1ª etapa, Projeto Capital entregue em agosto de 1994; 2ª etapa Nova Orla de Atalaia – 2º trecho, entregue em março de 2005 (<http://www.orladeatalaia.com.br/nossaorla.htm>). Eventualmente, no decorrer do trabalho o nome “orla” fará referência a este espaço público.

⁴ O Diário de Campo; as entrevistas com os sujeitos e as observações com recursos audiovisuais foram nossos aliados na captura das informações.



de suma importância para os cidadãos, uma vida de contemplação da natureza, de reflexão, logo, a necessidade do ócio. Ele percebeu o ócio como um momento de dedicação à meditações, que normalmente se dava em locais abertos, próximos aos mais naturais elementos.

No entanto, este autor não considera que os termos contenham o mesmo significado, habitualmente lazer e ócio são entendidos normalmente como sinônimos, porém, as suas significações exprimem épocas bastante distintas da história da humanidade. Entende-se que sempre existiu o tempo do não trabalho, no entanto, ociosidade denota o estilo de vida dos fidalgos gregos, paga pelo trabalho dos escravos. Por outro lado, isso não exprime a existência do lazer, visto que este segundo termo detém características específicas da civilização moderna ou pós-industrial.

A ociosidade dos nobres estava sempre ligada aos mais altos valores da civilização, mesmo quando na realidade ela era marcada pela mediocridade ou pela baixaza. Entretanto, o conceito de lazer não convém para designar as atividades destas castas ociosas. O lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho (DUMAZEDIER, 1974, p. 28).

Por um ângulo, os estudos sobre o ócio apontam os elementos primordiais a esta atividade, que sumariamente ficam caracterizados como oportunidade do desenvolvimento intelectual humano e progresso da cultura. Por outro ângulo, o controverso lazer é considerado mais uma criação forçada da sociedade capitalista, marcado pelas características da cultura consumista de massa na modernidade (DUMAZEDIER, 1974).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A construção deste estudo configurou-se como uma pesquisa Qualitativa/Descritiva (MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006). Filmagens e fotografias serviram de suporte para as análises dos acontecimentos juntamente com as anotações do Diário de Campo (DC), ações que possibilitaram o desenvolvimento do processo de entrevista, no modelo semi-estruturado. Considerando que em cada entrevista por grupo, pessoas diferentes se manifestavam, fizemos um total de seis(06) blocos de entrevistas.

Os dados da pesquisa foram coletados durante um período de um ano e um mês, entre os meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009. Nos três primeiros meses as visitas chegaram a ser três vezes por semana, em virtude do início do projeto ao qual esta vinculada (Projeto Orla), também em andamento. A princípio, eram observações irregulares, em dias diferentes da semana, desde a segunda ao domingo e após a identificação das tribos, reduzimos aos dias e horários de maior aglomeração, basicamente finais de semana nos turnos vespertino e noturno.

Nos meses que se seguiram nos aproximamos dos grupos, sempre com os equipamentos de observação, pedindo licença para fotografar, filmar e conversar. Assim, em mais três meses definimos as tribos que fariam parte da pesquisa, e nos demais (com duas visitas/mês devido o pouco tempo disponível dos pesquisadores para o deslocamento até o complexo de lazer) foram realizadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos grupos.

No período de um ano ao passo que fomos identificando a frequência no mínimo de utilização semanal das tribos, realizamos paralelamente as entrevistas e filmagens que deram embasamento à descrição dos locais específicos nos quais encontramos também aspectos diferenciados, desde



manutenção à localização ou trecho do complexo, levando em consideração os seis quilômetros de extensão.

Os espaços observados foram: o Cara de Sapo Skate Park, complexo de esportes radicais que até 2008 era o único no Brasil que possuía todas as especificações técnicas para a realização de competições de nível internacional, é também pista de skate maior de Aracaju; o Kartódromo Emerson Fittipaldi espaço que está sob a responsabilidade da Federação Sergipana de Kart⁵; o terceiro espaço é a quadra de futsal, utilizadas pelos “boleiros do final de semana”, a tribo dos jogadores de futsal; e a quadra de handebol que curiosamente abriga o treino da tribo mais inusitada encontrada no espaço da orla, a tribo dos jogadores de Hóquei sobre patins. Enfim, quadras e pistas abrigam ao todo seis tribos.

Seis(06) grupos atraíram a atenção pelo fato de ocuparem espaços localizados em etapas distintas do complexo⁶. Assim, delimitamos o campo de investigação para as tribos que frequentavam espaços localizados em cada uma das etapas da orla e que realizassem práticas corporais esportivas ou de lazer, somando estes aspectos aos fatores: dias e horários de maior aglomeração (sexta-feira, sábado e domingo no turno vespertino e noturno) e tempo de permanência no local por dia (superior a uma (01) hora).

De acordo com os critérios acima descrevemos as tribos: os skatistas, meninos e meninas que compartilham o mesmo espaço, sem grupos femininos ou masculinos, tribos mistas com idade média entre doze e vinte e cinco anos; os patinadores com a utilização de vários equipamentos; a tribo dos “bicicleteiros”, termo usado para diferenciar dos ciclistas e definir os meninos (idade média entre doze e quatorze anos) que estavam se divertindo, ainda que também tivessem a intenção de serem esportistas profissionais, como demonstram em entrevista⁷; os pilotos de kart, quarta tribo, formam um grupo de empresários amigos que mantêm a Federação Sergipana de Kart no kartódromo da orla, localizado na segunda etapa; os jogadores de futsal de “final de semana”, encontrados na primeira etapa da Orla, uma tribo constituída por trabalhadores (homens) de uma mesma empresa com idade média entre vinte e trinta e cinco anos; e a última das tribos da pesquisa, os jogadores de hóquei, grupo único em Aracaju, são jovens, homens, entre vinte e vinte e dois anos, universitários que treinam com a responsabilidade de um time que almeja o profissionalismo e que se diverte ao mesmo tempo.

Foi observado que a presença feminina nas tribos era algo incomum, com exceção do skate, as demais tribos não tinham a presença feminina, sendo constituídas exclusivamente por pessoas do gênero masculino.

APROXIMAÇÃO DAS ANÁLISES

Para iniciarmos a análise da pesquisa, apresentamos os sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento das observações e do nosso quadro de filmagens, fotografias e entrevistas: os

⁵ De acordo com Paulo Silveira, presidente da Federação Sergipana de Kart, a instituição funcionava no centro da cidade, as corridas eram realizadas na Praça Marechal Deodoro, mas devido uma fatalidade os corredores paralisaram suas atividades, retornando somente cinco anos depois na Avenida Maranhão, Siqueira Campos, bairro periférico da capital. Utilizava um espaço cedido pelo Aeroclube, porém existiam desde essa época já realizavam corridas na orla, talvez estímulo para o estado incluir o kartódromo no projeto de construção da Orla (grifo nosso).

⁶ Durante as observações para melhor acompanhamento dividimos o complexo em três etapas, em virtude da sua longa extensão.

⁷ Estas três primeiras tribos ocupam o mesmo espaço, o Skate Park.



“habilidosos” skatistas (SK) e os patinadores (PA), os ciclistas (BC) “sonhadores” (como futuros profissionais da Bike Cross), os jogadores de futsal “de final de semana” (FS), os “pilotos” do kart (KA), os “quase desconhecidos” jogadores de hóquei (HO).

Além das indagações norteadoras desta pesquisa, outros aspectos relevantes foram surgindo ao longo da aproximação do campo de estudos mediante os recursos utilizados. A partir de então, surgiram algumas temáticas que contribuíram para as análises das entrevistas, fruto do próprio campo investigativo.

Delimitaremos no primeiro momento das análises duas fases da observação. Faremos um diálogo entre trechos das entrevistas, análises das filmagens e imagens do arcabouço de dados e a concepção teórica, exercício do qual resultará a identificação ou primeira fase, relativa ao estado à aproximação com a prática esportiva ou de lazer, o porquê da escolha. A segunda fase, de identidade, refere-se ao processo de socialização que se cria entre os pares dentro das próprias tribos, o sentimento de pertença, as peculiaridades do grupo e do equipamento ocupado e o encontro com práticas inusitadas, pouco conhecidas na cidade.

Dando continuidade às análises, concentramos atenção em temáticas suscitadas a partir dos estudos das entrevistas. Pela recorrência dos fatos consideramos relevante tratar das questões de acessibilidade, da qualidade dos equipamentos e das incógnitas público/privado, pois todas giram em torno do modo que a tribo se apropria do espaço ou como ela é sustentada do seu equipamento. Isso, sem esquecermos da relação oportuna na realização da prática de lazer e o jogo mercadológico que nos faz questionar a atuação governamental com as políticas públicas.

Do relacionamento entre as pessoas às práticas esportivas não convencionais

Dentre os motivos que impelem os grupos a se agradarem das práticas de lazer que a Orla oferece, encontramos também razões para algumas pessoas se encontrarem e se descobrirem em gostos e estilos, demonstrando o caráter do tempo livre de incentivo à criação, expressão e satisfação de um grupo, ou de um membro do grupo, considerando neste aspecto, o sentimento de pertença em relação a alguma tribo como demonstração da função de socialização desses grupos apontada por Hack; Pires (2005).

[...] quando eles começaram a fazer a pista eu vinha passear na orla e também eu via a galera andando, me interessei pelo skate, [...] to andando até hoje.[...]. A pista sem dúvida é mais fácil pra mim, mais prático, que na verdade foi aqui que comecei a andar de skate, [...] Então, já tem, vamos dizer, um afeto maior [...] Conheci todos a partir do momento que comecei a andar de skate (SK).

[...] O primeiro encontro de amigos pra jogar hóquei foi no Cordesi (colégio) e logo após no Arqui (colégio Arquidiocesano) [...] (HO)

A partir do primeiro encontro, a tribo do hóquei sobre patins buscou locais mais adequados para treinar, e juntos os membros encontraram a quadra de handebol, que para eles tem proporções e piso mais adequados em relação aos anteriores. Assim, se organizaram com os equipamentos e mantêm o hábito de treino semanal na orla.

Existe uma grande diversidade que marca o grupo, mas que em pequenos aspectos chama atenção e se torna algo que o identifica. Ao verificar os relatos da skatista destacamos outro aspecto relevante para a formação das tribos, suas peculiaridades. Costa; Pires (2006) enfatizam em seus estudos a



importância da identidade de uma tribo, das principais características que consolidam sua existência, principalmente quando se trata da indumentária, sem negar as individualidades.

Destacamos as seguintes afirmativas acerca dos skatistas.

[...] as pessoas que estão assim de fora quando olha podem perceber todo mundo igual, mas quem frequenta aqui, percebe que não é bem assim. Cada um tem um estilo de roupa diferente, cada um tem uma maneira de andar de skate diferente né? impacto, técnicas [...] algumas pessoas preferem andar com uma calça mais larga, porque tem mais facilidade de movimento, outras já preferem mais justas, porque a calça pode enrolar, pode embolar na roda, pode atrapalhar na hora que tiver mandando a manobra.(SK)

[...] Porque a roupa de skatista tem gente que usa mais as calças punk, que é apertadinha aqui (na perna), tem outras mais folgadas, o tênis que é diferente também.(SK)

Já em relação à caracterização do equipamento de lazer, não há muita concordância para combinação entre as marcas existentes no Skate Park e os seus usuários. Isso fica claro em falas de participante da mesma tribo.

Eu acho que sim. Tem muitos que gostam[...] Tem algumas coisas que eu acho legal assim, mas não é meu estilo, assim, grafite.(SK)

Acho legal. É porque é a arte dos grafiteiros e também deixa a pista mais aquele estilo skatista.(SK)

Eu acredito que toda forma de arte, porque os grafites e até mesmo as pichações não deixam de ser uma forma, e todas essas formas de arte tem um significado diferente para cada pessoa.[...] combina um pouco assim, com o skate em si, o jeito despojado, as letras mesmo podem significar alguma coisa pra mim, mas pra você não é a mesma coisa, não pode significar nada [...] o estilo mesmo dá pra encaixar o skate dentro desse tipo de arte.(SK)

Em se tratando de caracterização do local com marcas peculiares, aparentemente feitas pelas tribos usuárias, as atenções se voltaram para a pista de skate, pois somente ela apresentou marcas, que ora aparecem, ora desaparecem ao longo das reformas e dos gostos dos pichadores.

Em alguns trechos das entrevistas com as demais tribos também é possível detectar o prazer de estar vivenciando os momentos de ociosidade com a prática escolhida, como por exemplo:

[...] quando eles começaram a fazer a pista eu vinha passear na orla e também eu via a galera andando, me interessei pelo skate, achei uma prática legal [...] e to andando até hoje. (SK)

[...] Tenho 12 anos, gosto de vim aqui todos os dias porque eu sou muito “securto”. (BC)

E o ambiente amigável e de aceitação entre os pares:

Eu tenho muitos amigos aqui, sabe, todo mundo aqui é muito amigo e eu gosto pra caramba de andar de skate. Não sei dizer muito bem, mas é uma inspiração que a galera sabe andar bem aqui aí eu me inspiro nessas pessoas. (SK)



Neste contexto, observamos que existem modalidades esportivas até então, despercebidas pela comunidade aracajuana, é o caso do Hóquei. Além da dificuldade de aceitação da modalidade, os praticantes têm que driblar todas as dificuldades para consolidar esta prática esportiva. Os jogadores de hóquei, relatam toda a dificuldade de comprar um equipamento muito dispendioso,

Aqui se você for ver só o preço dos patins é um absurdo! É quem pergunta isso (custo para entrar no time), falo logo, olha não é barato não. A gente não compra equipamento todo novo, porque já compra usado mesmo, mas procura saber se tá num estado bom e tal! (HO).

Os depoimentos acima apontam a evidente ausência de uma política pública de incentivo a práticas esportivas e de lazer pouco difundidas, pois até mesmo onde o time treina, quadra destinada para o handebol, na qual durante as visitas pudemos constatar que nunca encontramos um time de handebol jogando.

Um dado importante surgido ao longo do processo de observação foi a presença mínima de pessoas do gênero feminino. Tão inusitada quanto a presença dos jogadores do hóquei, o público feminino é mínimo frente a oferta do complexo. E ao contrário dos demais grupos a tribo dos skatistas mostram uma relação harmoniosa entre os gêneros, constituindo um marco para as Tribos da Orla. Este marco, portanto, criou novos posicionamentos acerca dos estudos das tribos, primeiro em relação à convivência entre os gêneros na tribo (Skate); em segundo lugar questionamos a ínfima presença de um público feminino usuário dos equipamentos.

Para tanto, deve-se saber que a definição de gênero para qualquer relação social é construída pela própria sociedade, para Goellner et al (2009) gênero é uma condição social da qual identificamos o masculino e o feminino, não sendo pois algo natural, mas construído social e culturalmente, neste sentido a falta da presença feminina pode ser vista como algo que perpassa o masculino e o feminino e os usos de espaços públicos de lazer para além de uma determinação social.

Sendo a sociedade uma determinante para as condições de afirmação social e espacial dos gêneros, podemos identificar, conforme depoimento de uma skatista, ao se referir sobre a opinião de seus pais em relação à sua opção pela prática do skate:

[...] achei uma prática legal e pedi um skate a meu pai e minha mãe. Acharam meio estranho [...], mas me deram[...] (SK1).

Pergunta-se o porquê do estranhamento dos pais em relação ao desejo da filha. Seria estranho a prática ou o gosto de uma menina pela prática do skate? Talvez convencionalmente a sociedade habituou-se a associar uma prática corporal a um estereótipo ou a gêneros (às mulheres, gestos leves, suaves, nada de força ou potência; aos homens, agilidade, força e potência).

Entre os membros da tribo dos skatistas, as meninas afirmam que não há problema com a presença delas no Skate Park e sempre aparecem interessadas, no entanto, há um desabafo quanto à valorização da prática em competições, exemplo:

[...] todo mundo anda normal aqui, somos amigos [...] Eu acho que o skate feminino ta crescendo aqui em Aracaju [...] (que praticam para nível de competição) [...] acho que aqui em Aracaju o skate feminino não é muito valorizado, aí a categoria que é a principal mesmo é o Amador I e o Open (categorias exclusivamente masculinas), [...] acho que eles deviam olhar também pra o lado do skate feminino porque, a gente se sente muito no canto, discriminado um pouco, porque eles (patrocinadores e organizadores de eventos) não dão valor. (SK2)



Portanto, fica em relevo a proposta de adequação aos espaços de práticas corporais da Orla de Atalaia. Podemos classificar como uma responsabilidade administrativa que envolve discussões no âmbito das políticas públicas, pois é visível que 90% dos equipamentos específicos estão voltados para práticas esportivas convencionais, e curiosamente o espaço que não se destina a tal é justamente o que abriga um pequeno contingente, por isso, significativo de grupos mistos, com presença feminina com idade média de vinte anos. É possível pensar que o complexo poderia ser contemplado com outros equipamentos que pudesse atrair a presença feminina – aqui defendemos a inclusão das mulheres como usuárias, não como meras observadoras de práticas corporais e esportivas “alheias” (masculinas).

Podemos ainda questionar se para a construção do complexo o público alvo foi considerado relevante e ainda se dentro deste contingente houve uma intenção de atrair o público feminino. Todos estes relatos demonstram que as pessoas se identificam de acordo com seus gostos e estilos e a partir de então, tornam-se parte de uma identidade social. As tribos são o exemplo de convivência, de usufruto de uma prática em comum sem preocupação ou compromisso com algo além daquele espaço, pois é um tempo de inspiração, criação e de aceitação do outro do jeito que ele é, independente do gênero em casos específicos como na Tribo do Skate.

Isto porque, além de ser um espaço para possíveis reflexões políticas ou de opinião pública, como pudemos observar nos depoimentos referentes à predominância de equipamentos para práticas esportivas convencionais, direcionando o incentivo às práticas já conhecidas como basquetebol, futsal, voleibol e handebol, deixando de lado o fomento ao conhecimento de práticas diferentes ou não convencionais como o hóquei.

Acessibilidade e Qualidade das Estruturas da Orla: Uma questão Pública ou Privada?

A acessibilidade dos espaços de lazer da Orla de Atalaia e a qualidade das estruturas são os fatores primordiais de atração das tribos à localidade, apesar de alguns contratemplos para vencer a distância do local de origem dos frequentadores (pois, alguns frequentadores são das circunvizinhanças de Aracaju) e driblar os obstáculos da forma de administrar os espaços.

Percebemos que até mesmo quem é de Aracaju enfrenta dificuldades para usufruir do espaço, principalmente devido ao sistema de transporte coletivo, porém é ainda mais desgastante para os moradores das localidades circunvizinhas. O trecho a seguir demonstra que a qualidade do espaço vence o desafio de chegar até lá.

[...] Fora o Ruan que é da Barra (cidade Barra dos Coqueiros). É o nosso goleiro, [...] ele tem que atravessar, mas o resto mora. Um mora no Cirurgia (bairro da capital), outro mora perto do Médici (bairro da capital), Luzia (bairro da capital) [...]Vem de moto, carro, carona. Tem gente que vem de ônibus, tem gente que vem de todo tipo (de transporte)...de bicicleta... (HO).

Encontramos aqui, nesses depoimentos, pontos importantes para reflexão acerca das contradições no tocante ao espaço público – destinado ao lazer – e a relação econômica/turística que se manifesta. Ora, por que os agentes públicos não desenvolvem políticas de re-estruturação e/ou construção de quadras esportivas, dos parques e espaços de lazer nos bairros? Por que a Orla foi “recheada” das melhorias estruturais de lazer e tornando-se um cartão postal do Estado?



Como constatamos em entrevista existem outras pistas de skates em outros bairros da cidade, os quais poderiam ser também de boa qualidade e de fácil acesso, porém, não é o que acontece, pois segundo os entrevistados a maior parte dos equipamentos encontrados na orla não existe em outros bairros e quando essa presença é contemplada, a qualidade não se equipara.

Obviamente que a dimensão econômica e política sobressai. As grandes corporações hoteleiras, bem como os bares e restaurantes estão localizados na Orla e, portanto, no mundo da estética da mercadoria (HAUG, 1997) e da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) e preferível esconder os problemas nos próprios bairros, ou seja, deixar a “sujeira debaixo do tapete”.

Além disso, deparamos com outra contradição no tocante aos espaços públicos. Algumas instituições como o a Federação Sergipana de Tênis (FST) e o Kartódromo de Sergipe são responsáveis pela manutenção de algumas áreas e em contrapartida arrebata o seu “pedaço no bolo” estipulando taxas para uso da população. Uma relação financeira que toca durante as entrevistas e que se dá em quatro momentos: o investimento do Estado, já que é uma obra governamental resultante da parceria do governo estadual e municipal (Aracaju-SE); o investimento que cada empresário mantém para sustentar as federações; o custo cobrado aos usuários esporádicos do equipamento (para manutenção do espaço); e, os investimentos de patrocinadores quando há realização de campeonatos⁸.

O kart hoje 20 minutos você paga 15 a 20 reais, aí você recebe capacete com macacão, luva, você vem, participa [...], qualquer pessoa pode ter acesso, é um kart que tem proteção, não tem perigo nenhum de você bater e se machucar (KA).

Portanto, a acessibilidade não é tão gratuita, visto que, algumas modalidades e espaços esportivos cobram taxas de acesso o garantindo o acesso seletivo das pessoas em contrapartida do “equivalente geral” que por ter acesso livre e gratuito para todas as pessoas possibilita o encontro entre todos inclusive aqueles que fazem uso dos espaços restritos, estabelecendo assim uma relação mercadológica garantindo o acesso a todos e a poucos.

Da vontade de brincar à elitização “fetichizada” do esporte

O lazer enquanto um aparato mercadológico⁹, consegue atrair algumas instituições empresariais em busca do prazer dos poucos usuários, a exemplo dos corredores de kart.

No kartódromo, ocorrem campeonatos anuais, amistosos e treinos constantes, contudo, somente a paixão pela prática não proporciona a satisfação de utilizar o espaço. Em entrevista ao corredor e presidente da Associação Sergipana de Kart, identificamos algumas nuances que nos faz pensar até que ponto o espaço público de lazer é de fato público em prol do lazer de todos os tipos de pessoas que frequentam a Orla.

⁸ Tivemos a oportunidade de entrevistar o jornalista da TV Cidade, o qual afirmou que a emissora estava sendo remunerada para fazer a cobertura da final do Campeonato Sergipano de Kart, mas também acrescenta que “...na parte financeira no momento em que você tá transmitindo você consegue patrocinadores, então quem tá bancando na verdade é os patrocinadores.” Porém não fala dos patrocinadores nem das cifras em questão. Entrevista realizada em dezembro de 2008 na final do Campeonato Sergipano de Kart.

⁹ Ver Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer* (1974).



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Hoje tem pessoas que tem poucas condições e tão no kart. O investimento pra tá numa corrida você gasta de 300 a 400 reais por mês, não é muito em relação ao que você se distrai (KA).

Que sentido podemos atribuir ao termo “condições” neste caso? A que condições está se referindo? Seria de um pai de família que tem que sustentar mulher e filhos, ganhando mensalmente a mesma quantia que alguém que pode investir na utilização do kartódromo para curtir o seu tempo de lazer? Ou mesmo as condições escassas dos meninos da tribo da bike que sonham em ser Ciclistas com uma Bike Cross, mas se contentam em ter uma bicicleta de valores altos para seus poucos recursos, valores irrisórios para os empresários do kart.

Eu queria ser cross, eu gastei 50 reais nessa aí e vou gastar mais 50 reais pra botar raio inox e janta aérea e... e a minha tem documento. (BC)

Também queria ser cross. Eu comprei a minha bicicleta por 30 reais.(BC)

Pode-se perceber que é grande a movimentação financeira exigida dos usuários para manutenção e conservação da estrutura, tanto no cotidiano e em eventos especiais como campeonatos, que vem atraindo a cobertura jornalística (ano de 2008, etapa final transmitida ao vivo):

[...] Nós temos algumas empresas que estão investindo no kart, mas na maioria são empresas dos próprios empresários, os pilotos aqui a maioria são empresários. Então, cada um banca seu kart, põe o nome da sua empresa [...] A nossa idéia é no próximo ano [...] vendermos as etapas (do campeonato [...] então, a coca-cola viria pagaria um valor, esse valor seria subsidiado para a associação, né? E seria distribuído em forma de recursos para os pilotos [...] fizemos o convite, foi estabelecida uma cota, valores. A minha empresa comprou uma cota, por exemplo, foi R\$ 1000, aí duas ou três empresas de outras pessoas aqui também compraram uma cota.(KA)

Percebemos, então, no tocante ao Kart, que vai mais além da vontade de brincar com aqueles carrinhos velozes. É preciso disponibilizar uma boa quantia em dinheiro para acessá-los, bem como a ótica que perpassa os “bastidores” é a ótica do capital, da circulação do dinheiro e principalmente, do lucro.

Outro destaque é a aproximação das pessoas mediante o vínculo empregatício. Em uma das situações de visita ao ponto de observação foi descoberta a “tribo do futebol”, constituída por pessoas que fazem parte de uma mesma empresa.

Podemos reportar este recorte ao lazer como criação forçada da sociedade capitalista, na qual ele é entendido como atividade que mascara a manipulação da empresa sobre o horário de trabalho dos seus empregados¹⁰. Os trabalhadores são induzidos a conduzir o tempo de lazer de acordo com o que lhes proporciona a empresa, que nada mais é do que um modo de manipulá-los. Lembrando que não é à toa o incentivo à prática, que é uma “paixão nacional”, por assim dizer.

O uniforme, assim, o uniforme é dado pela empresa, que a empresa cede pra gente. A gente pega e vem jogar aqui, né? Como aqui mesmo tinha nas lojas, cada loja tinha um diferente desse aqui (uniforme), era campo antes, era uma loja disputando com a outra como se tivesse um campeonato. Tinha um presente para o time que ganhasse, mas isso acabou.(FS)

¹⁰ Ver Dumazedier, *Sociologia Empírica do Lazer* (1974).



Eles unem o útil ao agradável, praticam a tão cobiçada paixão nacional, ganham os dois incentivos que complementam a vontade de jogar, vestimenta e premiação e ainda por cima se divertem. E a empresa lucra com o conveniente, pois ao incentivar a prática esportiva diminui os custos com profissionais de ginástica laboral e obtém isenção de ter que diminuir a carga horária dos empregados e aumentar o tempo livre para que eles possam ter um tempo de lazer maior, de mais qualidade e sem orientação ou indicação e sem precisar de incentivo.

É curioso notar que o hábito dos jogadores não cessou mesmo que a empresa não tenha mais incentivado nenhuma competição, eles tornaram-se “jogadores de final de semana”, consolidaram uma amizade, mas continuam jogando com o uniforme da empresa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Orla de Atalaia, cenário onde atuam um sem número de tribos em busca de um momento de lazer, de diversão, de entretenimento, com gostos e estilos ora diferentes, ora comuns, torna-se para nós pesquisadores um verdadeiro “Ponto de Observação”.

Um parêntese para o tempo de lazer, ou seria para o tempo ocioso, o tempo do não-trabalho? Seja qual for destas opções, a finalidade do treino ou da diversão movem todas as tribos em direção ao Complexo de Lazer Orla de Atalaia sem, contudo, questionar porque são obrigadas a se deslocar, muitas vezes de locais distantes, e ainda pagar para usufruir, ou fazê-lo em condições precárias quando não existe taxa de acesso. Neste ponto seria importante rever como está sendo tratado o âmbito das políticas públicas em relação ao atendimento de qualidade das comunidades no que tange a estruturas adequadas e acessíveis nos bairros mais distantes em relação ao bairro Atalaia onde fica localizado o Complexo Orla.

Frisamos que em visitas posteriores aos equipamentos, nos fizemos recordar que durante o período de observação o Skate Park esteve em péssimo estado de conservação em se tratando de pintura, limpeza e iluminação, no entanto, nas visitas no ano de 2011 novas pinturas foram feitas unicamente com o estilo grafiteagem, com formas mais coloridas e sem nomes específicos, diferente das gravuras encontradas nos períodos anteriores, que por um determinado tempo da pesquisa esteve sem pintura alguma. Os demais espaços foram reformados, ainda assim, o kartódromo se destaca com seu alto padrão de conservação.

Notamos que há relação de proximidade com o espaço e com os companheiros de mesmo grupo, das “tribos”, um momento entre amigos, um espaço oportuno à aceitação dos modos “de ser e de estar” do exótico, daquele que no sentido puro da palavra é “ex”, fora da ótica comum da sociedade, de acordo com Pais (2004). Porém, a relação entre as próprias tribos é por vezes conflitante, não existindo relações de proximidades entre elas, mesmo as tribos dos skatistas, patinadores e ciclistas que obrigatoriamente ocupam o mesmo equipamento, cada uma vivendo em seu mundo e ocupando o mesmo espaço.

Concluimos que a cobrança pelo acesso aos espaços garante a poucos a qualidade do ambiente, gerando controvérsias no complexo de lazer público. As nossas análises mostram claramente que os espaços onde normalmente são acessados com taxas possuem uma infra-estrutura conservada por mais tempo, são constantemente vigiados e tem um público espectador com características de pessoas de classes mais abastadas, pois de acordo com as observações principalmente no kartódromo, esses



espectadores eram grupos formados por familiares e amigos dos pilotos. Assim, essa característica parece mascarar uma parte que não comunga com o todo.

No entanto, percebe-se que os espaços da Orla de Atalaia estão sendo ocupado por grupos que tem uma relação de amor, satisfação ou paixão, explicado por eles. Homens em sua maioria, mas também mulheres (merecem destaque) que aderem à prática corporal com a qual se identificam, o que garante uma relação de proximidade e identidade entre as “tribos” e os seus equipamentos, mesmo quando se integram mundos tão distantes, separados pelo fator capital.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovani De Lorenzi. Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio. Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, 3, **Anais eletrônicos...** Santa Maria: 20 a 23/Set/2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. MOURÃO, Ludmila. VOTRE, Sebastião Josué. FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero e raça**: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: Ministério do esporte e gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Pesquisa Qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar. In: **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, pp 1-30, v. 21, n. 3, 2010.

HACK, Cássia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer e mídia no cotidiano juvenil. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 17, **Anais eletrônicos...** Campo Grande, 9 a 12/Nov/2005.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da Estética da Mercadoria**. São Paulo: UNESP, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007.

PAIS, José Machado. **Tribos Urbanas**: produções artísticas e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: Org. BETTI, Mauro. **Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

RIBEIRO, S. et al. MCSL – Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica. **Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Santo André-SP, 2003.



TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2006.

<http://www.skatistaonline.com/category/cidade/aracaju>, acesso em 30 de março de 2011.

Contato:

Paula Aragão

Rua Júlio Dácia Barreto, 191 – Saco dos Limões

CEP 88040-520 – Florianópolis/Santa Catarina

E-mail: aragao_paula@hotmail.com

Tecnologia de apresentação: datashow

Paula Aragão (Mestranda em Educação Física/UFSC)

Luciana Carolline P. Garcia (Licenciada em Educação Física/UNIT)